

COMO MODIFICAR A PAISAGEM? RELATO DE EXPERIÊNCIA PIBID ARTES VISUAIS

DANIEL BORGES¹; ANA LARA MACHADO²;

DANIEL BRUNO MOMOLI³:

¹ Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – danielborgespiazerdesouza@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – analarambs@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – daniel.momoli@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este relato de experiência busca apresentar um projeto desenvolvido no Programa institucional de bolsa de iniciação à docência (PIBID) do curso de Artes Visuais Licenciatura da UFPEL. O PIBID é um programa que busca aproximar os estudantes de licenciatura de uma experiência docente nas escolas. Esta experiência está sendo realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Raphael Brusque, localizada na Colônia Z3. Para pensar esse projeto partimos de uma indagação da professora supervisora Helena dos Santos Moschoutis sobre “como modificar a paisagem?” A questão lançada pela nossa Supervisora, buscava fazer pensar como modificar o ambiente em que os alunos estão inseridos durante grande parte do dia. O intuito dessa questão era gerar uma certa sensação de pertencimento dos estudantes em relação ao ambiente escolar. Esta proposta tinha como objetivo ampliar o repertório visual dos alunos por meio de experimentações dentro da sala de aula, e refletir sobre como o ambiente escolar muda nossa percepção. A proposta foi realizada com os alunos do 8ºA no turno da manhã e nesse texto trazemos um relato de nossa prática e as reflexões sobre as aprendizagens que construímos com a Escola.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

As atividades foram constituídas a partir das metodologias desenvolvidas por Monique Brière e Edmund Feldmann. A proposta de Monique Brière possui quatro etapas distintas: o fazer artístico: onde a produção dos alunos antecede as indagações sobre a produção de artistas com o intuito de levar um problema a ser pensado, a leitura ou análise das imagens Descrição da própria produção em diálogo com a produção de artistas de referências buscando entender como um mesmo problema pode ter diferentes soluções , o julgamento que é a comparação dos elementos da estética, da história, da crítica integradas com o entendimento da linguagem visual e a compreensão histórica do trabalho dos artistas a partir do contexto em que ocorreu a produção. Na metodologia de Edmund Feldmann possui 4 etapas distintas: descrever: Identificar o que se vê na obra visual, apenas o que está evidente, analisar: Identificar na obra elementos da composição visual, estabelecendo relações entre os elementos, interpretar: dar sentido ao que observou na obra, procurando identificar quais os sentidos, ideias, sentimentos e

expressões intencionadas pelo autor, julgar: emitir juízo de valor sobre a obra, se ela é importante ou não, se tem qualidade estética.

Na primeira aula realizamos um passeio até o Centro de Artes da UFPEL, localizado na Alberto Rosa, 62, na região do Porto. A visita foi feita para que a turma pudesse ver um filme chamado “Onde fica a casa do meu amigo?” Um filme Irniano do ano de 1987, de 1h23min de duração, que conta a história de um aluno tentando achar a casa do colega para devolver o caderno que ele tinha esquecido na aula. Em seguida ao filme, fizemos uma visita ao Museu de História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares -Hisales. A visita ao museu tinha como propósito ver o acervo de materiais escolares, que fica no campus 2 da UFPEL.

Nossa visita foi organizada a partir de estratégias de mediação, para que a atividade não perdesse o seu sentido. Durante o caminho no ônibus propomos um jogo do “amigo secreto”. Cada estudante retirava um bilhete e nele havia uma pergunta que buscava estimular a observação e a percepção durante o trajeto entre escola que está localizada na Colônia Z3 e o centro da cidade. Ao chegar no Centro de Artes, assistimos o filme “Onde fica a casa do meu amigo?” Depois que olhamos o filme saímos para visitar a sala de cerâmica para apresentar as atividades que fazíamos na Universidade, em uma tentativa de estreitar as relações com os estudantes. Em seguida fomos ao Hisales e fomos recebidos pelas professoras Vania Grim Thies e Chris de Azevedo Ramil, coordenadoras do projeto. Iniciamos a visita e elas nos mostraram alguns materiais escolares que apareciam no filme. Eram objetos tais como as maletas escolares, os cadernos de alfabetização, as classes para três alunos sentarem juntos que os alunos usavam. Depois pedimos para os alunos escreverem em seus cadernos as respostas das perguntas que tínhamos feito no início sobre: “o que eles tinham percebido no trajeto da escola para a universidade?”, “o que eles acharam de diferente nas salas de aulas que tinha na Z3, do filme e da Universidade?”, “Como as paisagens vão mudando ao longo do caminho?”.



Figura 1: fotos tiradas no passeio ao Centro de Artes e Hisales. Autoria própria.

Na semana seguinte, retomamos a atividade na escola. Propomos uma reorganização do espaço para nossa atividade. De um lado todas as pessoas da turma que estavam presentes naquele dia, do outro as mesas e cadeiras vazias.

Depois realizamos uma atividade baseada no artista brasileiro Alexandre Paes, pois sua produção parte de artefatos escolares e vivências de seus alunos. Foram apresentados três trabalhos sobre alunos em sala de aula “Retratos dos não vistos” de 2020, “Álbum de Classe” de 2020; e “Sem título” também de 2020. A produção do artista, que também é professor na cidade do Rio de Janeiro, aborda o desaparecimento de seus alunos. Sua proposta busca fazer uma reflexão sobre a violência no território e seu impacto na escola. Com isso propusemos uma atividade em que cada estudante deveria escrever o nome de algum colega ausente que eles sentiam falta ou gostariam que estivesse em aula. O objetivo da proposta era compartilhar com a turma os nomes das pessoas ausentes e que cada aluno pensasse naquele espaço da sala de aula, nas relações de amizade e que pudesse criar um vínculo com quem conviviam todos os dias na escola.



Figura 2: fotos tiradas das intervenções dos alunos. Autoria própria.

Na terceira aula propusemos inicialmente que os alunos montassem uma parede com as classes da sala de aula e, depois, que cada estudante ficasse em um lugar da sala. Na parede construída com as classes projetamos a produção da artista Ana Mendieta, “Silhuetas” de 1974. A ideia de apresentar este trabalho da artista era provocar a turma pensar como o lugar que vivemos é parte de nós.



Figura 3: fotos tiradas em aula e da intervenção dos alunos. Autoria própria.

Na quarta aula, desdobrava a ação da semana anterior. A turma deveria utilizar as classes e cadeiras para propor uma intervenção no espaço da sala de aula. O objetivo dessa ação era estimular a percepção da turma para a sala de aula, o lugar em que passam a maior parte dos dias. Após a intervenção a turma deveria explicar o motivo daquela intervenção. A partir da apresentação,

mostramos as obras do Hélio Oiticica Metaesquemas (1957-1958), Grande Núcleo (1960), Penetrável PN1 (1960), Bólides (1963-1979) e a série de Parangolés. Depois da apresentação pedimos para que os alunos utilizassem os tecidos inicialmente usados na intervenção para criação de um parangolé.



Figura 4: fotos tiradas em aula e da intervenção dos alunos. Autoria própria.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das atividades realizadas, foi possível observar como o envolvimento dos estudantes muda de acordo com a abordagem, as primeiras aulas mediadas através do filme e indagações despertaram o interesse e favoreceram o diálogo nas aulas. No trabalho com Alexandre Paes, a principal barreira esteve na compreensão do que deveria ser realizado, revelando uma necessidade de instruções mais claras e diretas. O que foi diferente na proposta pensada em referência ao artista Hélio Oiticica, onde também enfrentamos dificuldades nas mediações, que impactou no engajamento da turma.

Observamos como no ensino da arte é importante pensar em mediar as aulas de uma maneira que integre o cotidiano dos alunos às atividades escolares. Ao priorizar a escuta, a proximidade entre o tema escolhido e a comunidade escolar a aprendizagem tende a ser mais significativa e participativa segundo BARBOSA (2005, p. 32)

“O que a arte na escola principalmente pretende é formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte. Uma sociedade só é artisticamente desenvolvida quando ao lado de uma produção artística de alta qualidade há também uma alta capacidade de entendimento desta produção pelo público.” (BARBOSA, 2005, p. 32)

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae. A Importância da Imagem no Ensino da Arte: Diferentes Metodologias. In: BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. São Paulo. Perspectiva, 2005.